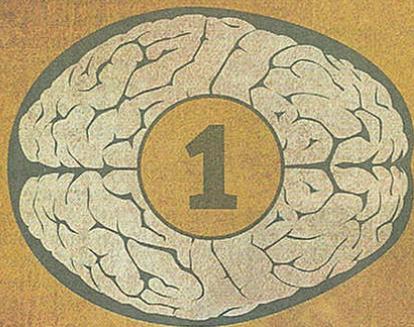


FOLHA DE S.PAULO ★ ★ ★
TERÇA-FEIRA, 6 DE JULHO DE 2010

equilíbrio



LOUCURA NAS TELAS

Com personagens muito doidos, filmes ampliam
compreensão sobre doenças mentais; cineterapia
é a nova moda em tratamento psicológico

Pág. 6 a 9



ESSE FILME DÁ UMA VIDA

A loucura das telas virou objeto de estudo e terapia; veja transtornos clássicos do cinema e escolha o seu tipo

JULLIANE SILVEIRA
DE SÃO PAULO

A loucura é a expressão em grande escala de características mentais existentes em todo ser humano. E a tela de cinema parece exacerbar ainda mais o que já é exagero por natureza.

O interesse coletivo é compreensível: como existem mais de 150 tipos diferentes de doenças mentais, é provável que a maioria das pessoas tenha um conhecido com

problemas ou sofra de um.

Por isso, abordar os transtornos da mente em filmes favorece muita gente: desde o cineasta, que atrai mais público, até o espectador, que se envolve com o roteiro.

Mais recentemente, psiquiatras, psicólogos e pacientes buscam entender melhor os distúrbios mentais com a ajuda do cinema.

É o que propõe a cinematografia, uma das mais novas ferramentas usadas por especialistas para ajudar o pa-

ciente em seu processo de autoconhecimento.

No Brasil, alguns psiquiatras e psicólogos já recorrem a histórias de transtornos mentais como ponto de partida para que o doente ou algum familiar compreenda melhor o problema.

Para quem sofre com a dificuldade de se relacionar ou de se comunicar, por exemplo, alguns personagens podem ainda servir de modelo.

Nesse caso, o filme nem precisa abordar uma doença

“O louco torna o filme mais interessante. Ao mesmo tempo que atrai, há aquele medo de enlouquecer ou de ser atingido por um louco incontrolável”

ELIE CHENIAUX
psiquiatra

“A realidade do distúrbio mental é crua, não tem nada de legal. Mas é um dos ingredientes mais usados porque surpreende, sai do padrão”

J. LANDEIRA-FERNANDEZ
psicólogo

AS HORAS

(2002, de Stephen Daldry)

Três personagens, um deles a escritora Virginia Woolf, contam suas vidas em diferentes épocas. Em comum, têm a depressão.

O transtorno é bem retratado no filme, com a manifestação de sintomas clássicos como falta de apetite e de vontade de viver, dificuldade de concentração e tentativas de suicídio.

Como a depressão se parece

Depressão

muito com uma tristeza que não passa, esses sinais são importantes para o diagnóstico.

Deslize

Woolf ouve vozes, sintoma pouco comum entre depressivos. A dona de casa Laura Brown foge de casa quando tem o segundo filho, uma reação pouco provável para quem está em depressão.

MR. JONES

(1993, de Mike Figgis)

O personagem Jones é um bom exemplo de quem sofre de transtorno bipolar, caracterizado por alterações de humor.

No início do filme, ele está eufórico, desinibido, falante. É a fase maníaca: mesmo quando é internado em um hospital psiquiátrico, tudo o que faz é exagerado e espontâneo demais.

Ao longo da história, vem a

Transtorno bipolar

depressão: o personagem aparece com a barba por fazer, triste, apático, com ideias de culpa.

Deslize

Enquanto está internado e deprimido, defende a psiquiatra que é atacada por outro paciente.

Ele luta com a pessoa, o que é inesperado pela falta de energia causada pela depressão profunda.

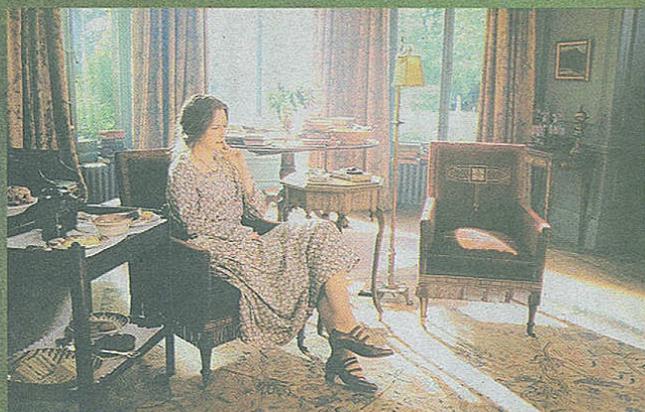


Foto: Divulgação

específica ou o problema do paciente.

Ele assiste à história e, com o terapeuta, tenta alterar seu comportamento usando soluções apresentadas pelos personagens.

“Ajuda na sessão, para o paciente expressar melhor as próprias emoções. Também pode ajudar em casa, quando há problemas de diálogo entre os familiares, por exemplo”, explica o psiquiatra Vítor Hugo Sambati Oliva, que pesquisa cinema e psi-

quiatria na Faculdade de Medicina da USP.

Oliva publicará na próxima edição da “Revista de Psiquiatria Clínica” o primeiro artigo brasileiro sobre estudos já realizados com a cinematografia. Os resultados encontrados são positivos.

Conectar os estudos da mente com a abordagem do cinema é tendência no país. Em diversas regiões do Brasil, ocorrem palestras e outras formas de discussão que reúnem filmes, cineastas e

algum médico ou psicólogo.

O Instituto de Psiquiatria da USP, por exemplo, planeja para o segundo semestre mostras de filmes para leigos, para abordar problemas mentais. A primeira, ainda sem data definida, pretende discutir o autismo.

Para Oliva, o interesse não vem só de doentes e seus familiares. “A arte instiga a pessoa a uma reflexão e a ajuda a se conhecer melhor, independentemente de ter um transtorno mental.”

LOUCA FICÇÃO

O livro “Cinema e Loucura” (ed. Artmed; R\$ 79) foi lançado em junho no Brasil. A ideia é usar a produção cinematográfica nacional e estrangeira para ajudar leigos e especialistas a compreender melhor as manifestações dos transtornos mentais.

A publicação reúne informações sobre mais de 180 filmes, analisados do ponto de vista da psicologia.

Os personagens foram avaliados pelo psiquiatra

Elie Cheniaux, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e pelo psicólogo J. Landeira-Fernandez, diretor do núcleo de neuropsicologia clínica e experimental da PUC do Rio de Janeiro.

Há análises de personagens emblemáticos, como os do clássico “Um Estranho no Ninho”. Filmes mais inusitados também estão presentes. Da animação “Procurando Nemo”, por exemplo, é escolhida a personagem Dory, que sofre de amnésia.

TAXI DRIVER

(1976, de Martin Scorsese)

O taxista Travis Brickle trabalha à noite porque não consegue dormir. Tem uma vida pacata e interage pouco com colegas.

Até que, aparentemente, perde a razão e acha que precisa acabar com o que chama de escória de Nova York: prostitutas e traficantes, por exemplo.

De concreto, tenta salvar uma prostituta de 12 anos de seu cafetão. Prepara-se para matá-lo,

Quadro indefinido

mutando completamente a aparência e seu comportamento.

Deslize

Apesar de parecer “muito louco”, Travis não sofre de delírios ou alucinações que o levariam a agir de forma violenta.

Por isso, sua transformação ao longo do filme não pode ser relacionada a nenhum distúrbio mental.

UMA MENTE BRILHANTE

(2001, de Ron Howard)

Esquizofrenia

O matemático John Nash apresenta sinais de esquizofrenia: é introvertido, isolado e não consegue se socializar.

Também tem delírios visuais e auditivos: “encontra-se” com um funcionário do governo norte-americano que lhe conta sobre os planos dos soviéticos para explodir uma bomba atômica nos EUA.

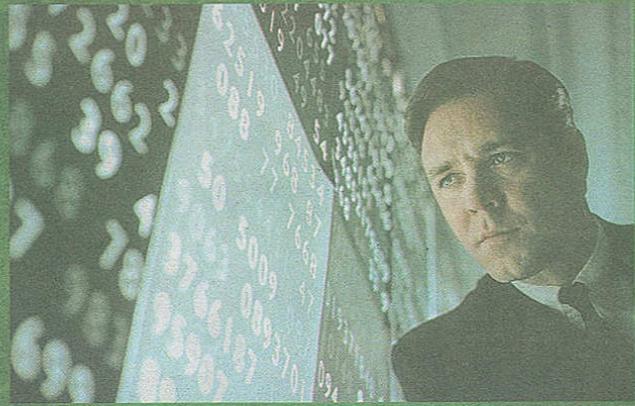
Nash acredita estar sendo vigiado pelos soviéticos, busca pistas em jornais e desconfia de pessoas.

Deslize

Visões não são comuns entre os esquizofrênicos.

Os delírios do matemático são sistematizados e sempre estão em um contexto —o filme se passa na Guerra Fria, quando fazia sentido pensar que a União Soviética queria atacar os EUA.

Mas quem sofre desse transtorno tem alucinações auditivas bizarras, sem muito nexos, impossíveis de ocorrer na vida real.



Os autores apontam o diagnóstico dos personagens, com explicação detalhada dos sintomas de cada distúrbio encontrado.

“Não é por acaso que existem tantos filmes com transtornos mentais. O louco torna o filme mais interessante. Ao mesmo tempo que atrai, há aquele medo de enlouquecer ou de ser atingido por um louco incontrolável”, analisa Cheniaux.

O uso de filmes como referências para estudo também

tem se tornado cada vez mais frequente.

Universitários buscam discutir em sala de aula o perfil dos falsos pacientes para entender melhor os transtornos. Há alguns anos, a “Revista Internacional de Psicanálise” incluiu a análise de um filme em cada publicação.

“Dá para mostrar também como alguns quadros psicopatológicos relatados no cinema não convergem com a realidade. Muitas vezes é mostrado um sujeito maluco,

agressivo. Em muitos casos, o cinema tenta passar uma imagem errada do senso comum”, argumenta Landeira-Fernandez.

FALSOS PROBLEMAS

O uso do imaginário coletivo para montar os personagens também pode estimular estereótipos ruins dos transtornos mentais.

“Se você pega os ‘serial killers’, vê que são parte de um cinema industrial, que usa esses monstros para vender.

A loucura aparece para assustar mesmo, para reforçar medos”, analisa o psicanalista Sérgio Telles, coordenador do grupo de psicanálise e cultura do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo.

No livro brasileiro, esses personagens estão no capítulo chamado de “Loucuras mal resolvidas” —com transtornos inventados para criar um enredo mais interessante. É o que ocorre com “Clube da Luta” e “12 Macacos”.

Mas ninguém quer cobrar

do cinema uma verossimilhança que não lhe cabe.

“Os filmes prestam um excelente serviço de entretenimento, e a gente pega carona nisso como ferramenta de estudo”, pondera Fernandez.

Para ele, os filmes não conseguiriam se sustentar somente com transtornos reais. “A realidade do distúrbio mental é crua, não tem nada de legal. Mas é um dos ingredientes mais usados porque surpreende, sai do padrão”, acrescenta.

O AVIADOR

(2004, de Martin Scorsese)

TOC

O personagem do milionário Howard Hughes tem TOC (transtorno obsessivo-compulsivo).

Sua compulsão é por limpeza: ele lava a mão em banheiro público com o sabonete que carrega de casa, não aguenta olhar para a sujeira na lapela de um homem (e até pede que ela seja limpa).

A doença se agrava e ele não consegue tocar em mais nada. Para pegar qualquer objeto, precisa usar um lenço de papel.

Deslize

O filme não tem problemas, mas é muito raro um paciente chegar ao nível de obsessão do personagem.

ATRAÇÃO FATAL

(1987, de Adrian Lyne)

Limitrofe

No transtorno de personalidade limitrofe, ou borderline, a pessoa reage de forma muito emocional a conflitos.

A personagem Alex Forrest tem um caso rápido com um homem casado. Quando ele termina a relação, ela passa a perseguir o ex-amante e sua família.

O filme mostra a instabilidade de humor, a dependência e as

variações sobre o que o doente pensa da própria imagem.

Deslize

Como esses pacientes podem apresentar sintomas bem diferentes, é mais difícil errar.

A escorregadela, nesse caso, é do personagem: fica a lição de nunca se envolver com alguém com esse tipo de transtorno.



Fotos: Divulgação

Loucura, a lucidez contemporânea

MIRIAM CHNAIDERMAN
ESPECIAL PARA A FOLHA

A figura do louco sempre esteve presente no cinema. A necessidade de representar o lado obscuro de nossa subjetividade move a arte.

Cada vez mais, a própria loucura é posta em cena. Ela vem nomeando algo de nossa subjetividade contemporânea, essa vertiginosa sensação de transformações alucinantes, onde surge uma nova temporalidade.

É como se nossas identida-

des não nos pertencessem.

Violência e loucura constituem o eixo narrativo de filmes onde canibais, serial killers e monstros do além exercem seu maléfico poder. A justiça possível é a da vingança de mentes assassinas.

Alguns psiquiatras usam o cinema como forma de fazer com que estudantes sejam apresentados à psicopatologia. Assim, personagens substituem a antiga demonstração dos quadros psiquiátricos através de pacientes — situações constrangedoras

e eticamente discutíveis.

Agora, o cinema permitiria o ensino da psiquiatria. É o caso de livro de J. Landeira-Fernandez e Elie Cheniaux. São os filmes ilustrando os casos clínicos.

Isso coloca sérias questões, pois os filmes são de ficção: estão autorizados a fabricar formas de loucura e quadros clínicos inusitados.

Qualquer cineasta, ao encenar a loucura, não está preocupado com a psicopatologia enquanto ramo da medicina. A loucura nos fil-

mes tem significados outros: a dor, a impossibilidade de determinar os próprios atos, formas inusitadas de vida.

Essa utilização do cinema no ensino da psiquiatria acontece junto com a necessidade de criar novas categorias de doença mental para dar conta do mundo contemporâneo.

A síndrome de pânico, o distúrbio de atenção, a síndrome de estresse pós-traumático são alguns exemplos.

Há, cada vez mais, a medicalização de nosso dia a dia,

com pílulas da felicidade para tudo. O recurso ao cinema em cursos de psiquiatria, bem como a presença cada vez maior de quadros psicopatológicos nas telas são sinais do quanto nossa linguagem não está dando conta do mundo em que vivemos.

Parece que a loucura sempre foi o lugar da lucidez: só aí é possível saber a que ponto chegamos em nossa impossibilidade de voltar a sonhar com um mundo melhor.

MIRIAM CHNAIDERMAN é psicanalista, documentarista e ensaísta